



Tchidza e o Muzimo contra Marave

Geraldo Cebola João Lucas (Cebaskovic W. Ge. Corcunda)

Mauro Cárter Hussein

Dos lundis e Undis só restava o nome que representava num só todo tudo o que um grandioso povo foi, àquele povo vindouro de lá, da outra orla oriental do Congo. Orla a quem o Zambeze presta respeito e obediência ao aceitar acomodar nas suas margens este historioso povo, cujo próprio nome não lhes identifica.

O professor conheceu Tchidza na Escola de Preparação Ideológica da FRELIMO de Tchithatha, uma escola que se encontrava localizada na colina norte da actual cidade de Tete. Professor de Política; formado nas respeitadas escolas ideológicas cubanas. O professor, o senhor professor Marave Charles Nimbapha, era um homem com ares de imperador, arrogante, e posicionava-se como proprietário do saber.

O que me marcara em Nimbapha, não foi o facto de apenas ele ser nosso (eu e Tchidza) professor, mas o facto de ele pretender dividir Tchidza em paixão comigo. O meu amor e o amor de Nimbapha por Tchidza goza um equilíbrio da guerra fria. A nossa visão sobre Tchidza era de geopolíticos, Tchidza era um planeta em disputa entre duas potências opostas (eu e Charles Nimbapha). Nossos músculos de bélicos não eram directamente proporcionais: Nimbapha gozava da vantagem de ser professor e autoridade educacional e, gozava das vantagens de ser colega directo e conterrâneo de Tchidza.

Três anos depois de formação política intensiva. Tchidza e eu resolvemos pedir férias e viajamos para Mussacama, terra que nos viu a verdejar para a vida.

A tarde estava morna e lenta com o sol interpelado no oriente pelo vento miúdo do horizonte, uma tarde que fazia estática a vida na vila e semeava uma lacunosa disposição no seio da gente.

Nas palhotas organizadas em muralhas matrilineares, carimbadas com decorações indígenas e em toda aldeia em redor, a gente falava baixinho e espreguiçava-se por cada pequena palavra balbuciada enquanto a tarde mais pesada ainda, carregada em demasia dum calor intenso em quilos de peso pesado ia indo, ia indo sem parar em direcção ao seu habitual túmulo.

Eu na minha cátedra com a palma da mão sobre o queixo telefonava ao Deus o redentor para lhe contar que a nossa pró-identidade que fez nascer heroísmo que sós os portugueses e outros europeus sabem explicar, e é também a mãe duma magicultura que o mundo exterior reconhece, está esfarrapada, enferrujada e lançada à poeira. Para lhe dizer que a guerra do Undi e Lundi foi herdade de geração em diante, obrigando o Zambeze escorrer sangue da nascente à foz. Obrigando a terra a devorar corpos abandonados a calha pelas almas que vagueiam pelo longo do Zambeze com ativa e feroz estupidez porque a guerra se alastrou se alastrou para o além Marave e envolve actualmente os Mutapas, os Changanas, os Macuas e Ajauas pela sedimentação duma nação multidireitosa. Telefonava com intenção de pedir um imperador imperial, um sem origem guerreira; que seja um Canhamba, um Cambuamba, um Macombe; porque estes já salvaram o povo duas vezes e meia e porque eles também guerrearam-se entre si.

Da cátedra telefónica minha vista viajou por um feixe magunkheiro¹ no telhado do palacete rez-do-chão-primeiro-andar de muito engenho de engenharia sem academia de onde me chegou sem agrado uma tão tanta tamanha surpresa que deixou-me sem energia para continuar o telefonema e me roubou a uma imunda soneca tentando em vão apaziguar àquela desgraciosa mitologia.

Tchidza havia sido intimada a comparecer à casa de Marave Nimbapha para assuntos escolares. Tchidza, em plena observação dos princípios básicos da educação que recebera, se fez presente ao professor. O que se soube depois, é que Marave Nimbapha (professor) tinha firçado Tchidza a se introduzir no seu gowero². E foi do seu gowero que Marave Nimbapha – o professor.

Eu vi e bem perplexo o apagar duma vida meu amor, ai meu Deus!

Espetada e indefesa aí no quarto de Marave Nimbapha o senhor professor, seu corpo semi-nu violentamente possuído; seus braços vigorosamente atracados; sua boca ensaiando no sossego perturbado gritos que se perdiam escoando pelo bocão do agressor.

Tchidza com as pernas esticadas ao longo e largo; as costas expostas frontalmente; sua resistência dominada; estava trémula de ingenuidade; pálida de tanto satanhoco prazer primeiro e único; gatinhava a passo lento; uma prisão de doce sabor penumbral; seu corpo frenético e caloroso flutuando naquela elucidação emprestada.

Depois duma luta esporádica, um sossego do sabor de veneno debaixo daquele corpo marcado por tatuagens que a estupidez talhara com agrado por esclavagistas de almas.

Marave Nimbapha senhor professor, visitado pelo auge do prazer, tiritou, sacudiu um suspiro, mordeu os lábios, insultou a vida, largou os braços fazendo-os escorregar à largura do corpo, soltou a miúda sem um beijo violento e espremeu um alívio de peso montanhal.

¹ Termo emprestado da língua ciNyúnguè (ci-uNyúnguè). De magunkha – fofoca. Magunkheiro – fofoqueiro.

² Gowero – pequena casa campestre, geralmente redonda, de estacas e maticada de barro que serve de quarto para os rapazes crescidos. O termo é um empréstimo da língua ciNyúnguè.

Do outro ângulo da existência, a sua parceira obrigatória e escravizada (Tchidza) galgou a profundidade da dor e do rancor, rompeu com a vida e desenhou sua sombra, sua sombra no lá da vida. Era como um drácula a tivesse castigado e mastigado a sua existência. Sua boca sem força para uma só palavra dizer; seus braços estavam erectos como se alguém me identificasse e me tivesse indicado acusando-se de ter sido um assistente covarde e macabro.

Não aguentei tanto, tanto trauma, desmontei os ossos e caí sobre mim como cacho de pecados divorciando-me dos sentidos por uns instantes consecutivos tentando não recuperar os sentidos no tão imediato. Eu experimentava uma petição de morte. Mas logo que voltei para mim reuni as minhas trouxas, arrumei-as sem carinho e lá me evolvendo da humanidade queria ser uma sereia, uma coruja ou outra coisa selvagem, sei lá, queria viajar à largura do infinito talvez para divorciar-me das lembranças ou para me desperdiçar de vez na perdição, na solicitude bruxal das costas negras do lá da vida.

Me perder, assim, como um ex futuro esposo pauperissimamente perde aquele tipo de beleza singular que Deus esculpe e a empresta a alguém.

Tchidza estava esposada a um muzimo malvado da dinastia dos Bongas que sem piedade maltratava qualquer atrevido que nela trocasse. Mas pelo poder de sua beleza eu havia gasto umas quinhentas para arrancá-la em divórcio do muzimo e atravessá-la para a posição de minha musa.

Que Tchidza estava estomacal e ventralmente quimicalizada com o muzimo Bonga eu o sabia, o sabia bem sabido. O que não sabia é que Marave Nimbapha senhor professor havia percorrido a mata dentro em busca de segredo místico para transcender ao cargo de director ou para alcançar o estatuto de Bwana³ e que para tal o vovó⁴ lhe receitara uma virgem para o descabaço sarcástico e que esta seria a fonte de sorte sua. Não sabia, também, porque é que a escolha de tal santo princípio diabólico caíra sobre Tchidza, mulher de minha alma e ingrediente de minha sombra existencial.

Eu, saboreando esta doce dor, perguntando o meu Eu o que era e o quer fazer; lançando gritos maçudos e choros de peso montanhal; soltando berros para as direcções de todos os astros do aquém do espaço ia esfriando `aquela tarde ardente e ia catalisando aquele mono-ambiente até ora vivido no dentro intestinal da vida.

No estômago do seu quintal, debaixo duma frondosa e tridimensional macieira cumprindo o castigo dos muzimos se geograficava Marave Charles Nimbapha, o senhor professor, numa tolice extravagante que lhe dura a vida toda órfã de cura e viúva de remédio. Nu, se ria, rebojava, saltitava. Marave Nimbapha estava em diálogo com os fantasmas e com os invisíveis do seu plano falido de ser bwana por meio do sangue, da carne e do espírito de Tchidza, aquela que era o cacifo da minha vida. O cacifo aquém o muzimo cuidava e ensinava a sociedade com habilidade que: *estudar não é tudo na vida, pois, Marave Nimbapha tinha tantos anos de académico e tantos outros de experiência, mais mas.*

³ Burguês; rico; abastado; empresário.

⁴ No sentido de adivinho; curandeiro; feiticeiro.

A notícia da tentativa de adultério choveu sobre a comunidade de Mussacama com estrondo. Nimbapha escoado para a praça e, teologicamente, o professor respondeu pelo crime e marginalizado da comunidade mussacamense.

A guerra entre o marido espiritual de Tchidza e o espírito Marave do professor Nimbapha, embora tenha terminado com um vencedor claro, indicou dois vencedores tácitos e dois vencidos claros. Os vencedores foram o marido espiritual de Tchidza sobre o espírito marave de Nimbapha e a vitória da lógica do saber mágico-africano sobre o determinismo experimentalista da modernidade ocidental. Dentre os vencidos podem ser apontados Nimbapha o professor e Eu, pelo facto de nenhum de nós ter conseguido casar ou desposar Tchidza.

E é assim que termino o conto, leve de espírito.